

Este curso de palestras tem sido um esforço proselitizante a favor de um empenho em prol da tradução no sentido mais lato deste termo. A esta altura do argumento os senhores compreendem o que tenho em mente, quando digo "tradução". É o salto ontológico, o transpor contínuo do abismo do nada que separa língua de língua, camada de significado de camada de significado, iceberg de iceberg. De certa forma é o empenho em prol da tradução exatamente aquilo que Camus tinha em mente ao dizer: "Il faut vivre le plus, non le mieux". Quem se empenha em prol da tradução, é o Don Juan do pensamento. A presente palestra tem por finalidade contar algumas das aventuras desse Don Juan, com a esperança de seduzir os senhores para seguir-lhe o caminho.

Quando discuti o salto de iceberg em iceberg, o nosso argumento estava mergulhado no contexto ético, e os exemplos de icebergs que foram discutidos eram portanto complexos político-filosóficos, diziam respeito à praxis. Catolicismo, islã, budismo, vedanta, e o marxismo como fé e como modo de vida eram os exemplos que se ofereceram nesse contexto. A presente palestra é um convite para considerar, embora muito superficialmente, complexos de outro tipo, mas que clamam, igualmente, por nosso empenho total e reclamam para si universalidade absoluta. O que tenho em mente são os vários sistemas filosóficos com sua pretensão de constituir, cada um, uma explicação total e totalitária da realidade. São portanto autênticos icebergs. A tradução de sistema para sistema, o salto contínuo entre essas posições, desvenda, ao meu ver, ~~tratar-se, em todos os~~ camadas linguísticas que flutuam no caos do nada. A diferença entre este tipo de iceberg e o tipo anteriormente discutido reside na maior diafanidade dos sistemas filosóficos, e na maior estabilidade dos sistemas ~~fixos~~ religiosos. São essas diferenças entretanto meramente diferenças de grau, e não de qualidade. Pretendo saltar hoje, superficialmente, de conceitos kantianos, hegelianos, schopenhauerianos, nietzscheanos, jamesianos e heideggerianos para conceitos da linguagem coloquial portuguesa, para provar experimentalmente a minha tese. Direi que dois conceitos fundamentais do sistema kantiano são as palavras "Vernunft" e "Ding". Reduzirei, para os fins desta experiência, o pensamento de Kant para a frase seguinte: "Ich kann das Ding nicht aufnehmen, sondern nur vernehmen" que traduzirei, provisoriamente, da seguinte forma: "Não posso abrigar, mas tão somente escutar a coisa". A palavra "Vernunft", geralmente traduzida por "razão" é o substantivo do verbo "vernehmen", geralmente traduzido por "escutar". Mas trata-se de um escutar impreciso, um perceber de um ~~são~~ longínquo e impreciso. "Vernunft" é portanto o escutar atento de algo quase inaudível. "Kritik der reinen Vernunft" é a crítica da atenção pura em direção do quase inaudível. Mas a nossa análise precisa ir um passo mais adiante. "Vernehmen" é o verbo "nehmen" (pegar, tirar) com o prefixo "ver" que indica frustração. "Vernehmen" significa portanto o ato frustrado de tomar posse. A crítica da razão pura, e também da razão prática, é portanto uma análise exata e um tanto laboriosa desse ato frustrado. Não digo que Kant estava ~~consciente~~ que sua análise da razão era uma análise da palavra "razão" alemã, mas digo que é assim que todo pensamento funciona. Toma uma palavra ou uma frase de uma dada língua e converte essa palavra e essa frase em outras palavras e outras ~~palavras~~, em breve: conversa. Afinal, como vêm os senhores, não é tão diferente da meditação indiana a reflexão do Ocidente, e o sistema kantiano pode ser encarado como uma meditação que tem a palavra "Vernunft" por tema. O criticismo kantiano é um esforço ~~para~~ superar o desespero epistemológico de um Hume pela palavra "vernehmen". "Vernehmen" é um ato frustrado, nisto Kant concorda com Hume, embora Hume venha de outra língua, portanto de uma realidade diferente. Mas "vernehmen" é um escutar, embora longínquo, não é portanto isento de significado. Desta maneira Kant supera o ceticismo de Hume, ou melhor: desta maneira a conversação alemã supera, provisoriamente, a conversação inglesa, substituindo, por tradução falha, "knowledge" por "Vernunft". Dentro da palavra "Vernunft" o sistema kantiano já se encontra projetado. Kant é a realização desse projeto. A palavra "Ding" representa o horizonte desse projeto, é a direção na qual o projeto se projeta. Essa palavra é traduzida por "coisa" e tem, realmente, uma conotação, dentro do alemão, que se aproxima muito da conotação portuguesa. Um derivado de "Ding" é "Bedingung", como "coisa" é parente próxima de "causa". Mas, para sorvermos realmente a aura de significado da palavra "Ding", devemos tomar em consideração que a palavra "coisa" engloba um segundo significado, traduzido para o alemão por "Sache". Este segundo significado, que tem algo a ver com a atividade humana sobre as coisas, portanto significa a coisa não como causa mas como efeito, é eliminado do significado da palavra "Ding", a qual é portanto muito mais causal que a palavra portuguesa. A "coisa em si" kantiana é portanto anterior a todas as causas, e mesmo anterior à causa primordial, que seria "Ursache" em alemão. O "Ding an sich" não faz parte da cadeia de causas, que consiste de "Sachen", nem forma o primeiro elo, que é a "Ursache", mas é a "Bedingung" da "Ursache", ~~aquele~~ o fundamento sobre o qual a causalidade rola. Embora seja portanto o "Ding" a meta da "Vernunft", é ele ina-

avel. A "Vernunft" está mergulhada em "Sachen", embora tenda para os "Dinge". Esta me parece ser uma explicação da distinção entre fenômenos e noumenos que Kant estabelece. Fenômenos são coisas no sentido de "Sachen", noumenos são coisas no sentido de "Dinge", e também deste ponto de vista Kant é desvendado como sendo conversação de palavras alemães dentro de um dado contexto. Reformulo portanto a posição kantiana da seguinte maneira: "Ich kann das Ding nicht aufnehmen, sondern nur vernehmen" - "Não posso, se penso em alemão, abrigar o fundamento das coisas, mas sou um projeto em direção desse fundamento, um projeto frustrado mas significativo".

Uma palavra fundamental do sistema hegeliano é o verbo auxiliar "werden". O significado deste verbo é de difícil tradução, já que a língua portuguesa é estranha à ontologia que este verbo expressa. "Werden" com o infinitivo significa futuro e poderá ser traduzido por "ir". "Ich werde schreiben" - "vou escrever". "Werden" com o particípio significa passividade e poderá ser traduzido por "se". "Es wird geschrieben" - "escreve-se". "Werden" como verbo independente é traduzido "tornar-se", mas muito aproximadamente. "Es wird kalt" - "torna-se frio (por exemplo o clima)". Em frases como "Es werde Licht" é traduzido por "haja luz", e existe a tradução ridícula por "devir" "Stirb und werde" - "morra e devenha". A filosofia hegeliana é a filosofia do "werden". Pode ser resumida na frase "alles wird". Hegel se esforça, em sua análise dessa palavra, para tornar evidente tanto o significado de futuro, (histórico), como o significado do passivo (determinista), como o significado de metamorfose (dialético) do "werden". Nesse esforço desaparece o ser e o poder, ~~se~~ englobados como estão dentro do "werden" gigantesco. O "werden" é o próprio processo da realidade. Mas é preciso notar que "realidade" em alemão é "Wirklichkeit", portanto não, como em português, o conjunto das coisas, mas o conjunto dos efeitos. A realidade hegeliana é portanto o efeito do "werden". Esse clima historicista, determinista e dialético do verbo "werden", nós o podemos sorver naquele rebento do hegelianismo que é o marxismo. Têm portanto, neste sentido, razão os marxistas ao negar serem metafísicos: não é o verbo "ser" que analisam, mas o verbo "werden". Creio que podemos penetrar o verdadeiro significado de toda essa corrente de pensamento somente se tentamos aprofundar-nos nesse verbo.

Os dois conceitos fundamentais de Schopenhauer são as palavras "Wille" e "Vorstellung". Analisarei somente a palavra "Vorstellung" e relevo "Wille" para o parágrafo que trata de Nietzsche. "Vorstellung" é o substantivo do verbo "vorstellen" que por sua vez é um derivado do verbo "stellen" dificilmente traduzível. É algo entre "pôr" e "estabelecer". "Stellung" é "posição". "Herstellen" isto é "pôr para cá" significa produzir. "Einstellen", isto é "pôr para dentro" significa "fazer parar". "Vorstellen", isto é "pôr diante" significa portanto aproximadamente: "tapar", "apresentar", "representar", "fingir", "imaginar", mas também "substituir" e "significar". "Die Welt als Vorstellung" é portanto o mundo como obstáculo, como apresentando algo mais fundamental, como representação, como ficção, como imaginação, como substituição e como significado. Não é portanto exato ~~se quisermos~~ encarar o mundo schopenhaueriano como sendo idêntico como "maia" indiano, ~~mas~~ véu da ilusão a ser rasgado. Pelo contrário, é, também, o mundo do significado, o único mundo dentro do qual a "Vernunft" pode funcionar, e é o mundo em prol do qual Schopenhauer está empenhado. Daí o seu pessimismo. Porque, falando modernamente, de acordo com Schopenhauer é o empenho do homem um esforço absurdo, porque o seu significado é ilusório, é uma tapeação, se é que tapeação e tapar são palavras aparentadas. Traduzirei portanto "Die Welt als Wille und Vorstellung" como "A tapeação da vontade".

As duas palavras fundamentais de Nietzsche me parecem ser "Wille" e "Macht", traduzidas ineptamente por "vontade" e "poder". Estas palavras são substantivos dos verbos "wollen" e "moegen", que são traduzidos, ambos, por "querer". "Wille zur Macht" é portanto, a rigor, uma frase circular, e significa "querer para querer". Mas é possível fazer-se uma distinção entre "wollen" e "moegen". Direi que "wollen" é um processo dinâmico, e "moegen" é um conceito estático. A palavra "will" inglesa denota algo da dinâmica do "wollen", já que significa futuro. "Moegen", entretanto, se parece mais com o querer castelhano, é um estado amoroso. "Wille zur Macht" pode ser portanto traduzido como "processo libidinoso" e "alles ist Wille zur Macht" como "tudo tende para a realização do líbido". Em outras palavras: "Wille" é o querer em ação, "Macht" é o querer já alcançado, o querer perfeito, o querer já feito. "Wille zur Macht" é portanto "querer o querido". Como vêm os senhores, superficialmente está todo Freud em Nietzsche, e talvez já em Schopenhauer, embora Nietzsche seja, absurdamente, o apóstolo da libido, e Schopenhauer o apóstolo do censor. Mas o pensamento nietzscheano é mais profundo que o freudiano. No fundo, "Wille" e "Macht" são os dois polos do "werden" hegeliano, e Nietzsche supera Hegel, porque mostra a própria dialética do "werden", que oscila entre "wollen" e "moegen". Para aqui porque um aprofundar-se nestes verbos seria equivalente a toda uma análise da ontologia não somente nietzscheana, mas da língua alemã como um todo.

pragmatismo, e mais especialmente James, parecem, superficialmente, próximos de Nietzsche. Submeto aos senhores que esta semelhança é fruto de uma tradução falha entre alemão e inglês, duplamente falha por tratar-se de línguas tão próximas uma da outra. Sugiro que a palavra fundamental do sistema jamesiano é a curiosa palavra "do", completamente intraduzível para o português, já que não cabe em sua estrutura. Como verbo principal, podemos traduzi-la por "fazer": "Can you do it?" "Pode fazer isto?". Como verbo auxiliar, serve para a negação: "I do not write" "não escrevo", para a interrogação: "Do you write?" "estás escrevendo" e para respostas: "Do you write? I do" - "Estás escrevendo? Estou". Em breve: trata-se de uma palavra que diz respeito à estrutura da língua inglesa, tanto assim que se tornou praticamente óca de significado, mas que conserva sempre um leve aroma do seu significado original, a saber "fazer". Pois bem: o pragmatismo é a tentativa de fazer com que essa palavra óca readquiria significado pela simples substituição pelo verbo "work", que é um fazer autêntico, e desta maneira dar um significado a toda estrutura da língua inglesa. A frase fundamental do pragmatismo, se visto epistemologicamente é: "Truth is what works" traduzida geralmente por "A verdade é o que funciona". Esta frase, se traduzida assim, parece afirmar a independência da verdade do campo do puro intelecto e relegá-la para o campo da praxis. Entretanto, se analisada, ela é desvendada como afirmando que a verdade é aquilo que corresponde com a estrutura da língua inglesa, portanto como intelecto. Se identificamos "work" com "do", e se identificamos "do" com "estrutura da língua inglesa em um dos seus aspectos fundamentais", então a tradução certa da frase "Truth is what works" seria "a verdade é uma função da língua inglesa". Mas, para podermos apreciar mais plenamente o que acabo de dizer, é preciso considerar o conceito "success" dos pragmatistas. "Success" é traduzido por "êxito", mas significa também aquilo que sucede, portanto que progride. "Success" é o sucessor do "work". "What works" sem por consequência o "success". A verdade é portanto aquilo que tem sucessor, e se acabo de traduzir "verdade" por "função da língua inglesa", devo agora dizer que a estrutura inglesa faz com que a conversação inglesa progrida. Isto é justamente o "success" dela. Traduzo portanto a frase "Truth is what works" por "verdade é o que faz progredir a conversação inglesa". Creio que até certo ponto os pragmatistas concordarão com esta formulação, embora talvez sem grande entusiasmo. Advertio que cheguei a esta formulação por puro esforço de tradução, sem nenhuma malícia nem tendências anti-imperialistas. Quando chego à discussão dos termos heideggerianos, vejo-me diante de um embaraço de riquezas, já que Heidegger está quase consciente da função da língua para a construção de sistemas filosóficos, isto é quase consciente de estar construindo um iceberg. Limitarei portanto as minhas considerações a três pequenas frases: "Ich bin da" - estou presente. "Es ist vorhanden" está ao alcance. "Es ist zuhanden" - é disponível. A primeira frase permite a substantivação "Dasein", traduzido por "existência". As outras duas substantivações, "Vorhandensein" e "Zuhandensein" são criações mais ou menos violentas heideggerianas. A palavra "da" na frase "Ich bin da" significa vagamente "aqui", mas não num sentido geográfico como a palavra "hier". Posso dizer "Der Tisch ist da", e traduzirei "a mesa está aqui", mas posso dizer "da sagte er" e traduzirei "então ele falou". A palavra "ai" portuguesa se aproxima do "da" alemão de um outro lado, tanto assim que posso dizer que o "da" se localiza entre o "aqui" e o "ai". A filosofia heideggeriana, chamada erradamente de existencialismo, é, com efeito, uma filosofia do ser "da". Mas é preciso ter muito cuidado com esta afirmativa. O verbo "sein" alemão não encontra paralelo na língua portuguesa. Abrange tanto o verbo "ser", como o verbo "estar", "ficar" e substitui alguns outros verbos. A imprecisão do verbo "sein" causou justamente toda essa corrente chamada "existencialismo". Aliás, logo no início de "Sein und Zeit", ("Sein e tempo") Heidegger confessa o seu intento de analisar este verbo insatisfatório e desprezado. Para tanto criou os conceitos do "dasein" de um lado, e do "Vorhandensein" e "Zuhandensein" de outro. É claro que a qualidade do meu ser (Dasein) é ontologicamente diferente da qualidade do ser que me cerca. Mas porque distingue Heidegger entre "Vorhandensein" e "Zuhandensein", entre "estar diante da mão" e "estar à mão"? Diz ele em sua análise que está distinguindo entre "Dinge" (coisas) e "Zeug" (aproximadamente instrumentos). Mas a palavra "Zeug", que usa, é realmente um abuso. "Zeug" é um termo depreciativo e significa "ninharfia". Sómente como sufixo, como em "Werkzeug", "Fahrzeug" etc. significa instrumento. Mas Heidegger usa a palavra "Zeug" porque vem do verbo "zeugen" (testemunhar) e "erzeugen" (fabricar). Pode portanto dizer que as coisas que estão diante da mão condicionam (bedingen) o Dasein, enquanto que os instrumentos que estão à mão testemunham (bezeugen) o Dasein, já que pelo Dasein foram fabricados (erzeugt). São portanto ontologicamente diferentes. As coisas oprimem, angustiam o Dasein, enquanto que os instrumentos já foram ultrapassados pelo Dasein. Não discuto a profunda sabedoria que esta análise ontológica encerra, mas discuto a sua autenticidade. Sendo a palavra "Zeug", inautêntica, e a palavra "Zuhandensein" um monstro lin-

co, sugiro que tôda esta corrente de pensamentos está viciada. O que Heidegger pretende, com efeito, é distinguir entre "Dinge" e "Sachen", essas duas traduções autênticas da coisa portuguesa, mas não pode admitir este fato, já que maneja conscientemente a língua para a sua finalidade. Mas peço aos senhores que observem duas facetas da filosofia heideggeriana, altamente importantes para as teses aqui defendidas: A primeira faceta é a incrível plasticidade da língua, se e quando utilizada conscientemente. Assim utilizada, a língua abre como que fontes inesperadas, e em qualquer lugar que ela fôr perfurada, jorram verdadeiras torrentes de pensamentos novos. Tive a oportunidade de observar de perto essas perfurações e estes jatos de pensamento num poeta brasileiro, Guimarães Rosa. Talvez esta consciência da língua seja um sintoma da atualidade? A segunda faceta do pensamento heideggeriano sobre a qual quero chamar a sua atenção é a pobreza, por amplitude excessiva, da palavra alemã "sein", se comparada com os seus equivalentes portugueses. Defini filosofia como reflexão da língua sobre si mesma. Imaginem o que sucederá quando a língua portuguesa começar a refletir sobre si mesma, quando surgir uma autêntica filosofia portuguesa. Será o despertar de toda uma nova ontologia a enriquecer de maneira imprevisível a conversação do Ocidente. Vejo nesta possibilidade uma das avenidas de um progresso ocidental a despeito de sua estagnação aparente. Não, o nosso projeto, o projeto das línguas flexionais, não está esgotado. Pelo contrário, as suas potencialidades ainda nem foram vislumbradas, muito menos realizadas.

O que pretendi com êstes leves esboços de alguns poucos icebergs filosóficos não era propriamente uma análise crítica desses sistemas. Longe de mim de querer ousar tanto empreendimento. Pretendi somente ilustrar os prazeres da vida donjuanesca que um empenho em prol da tradução proporciona. Mas não quero criar a impressão que êstes prazeres são um mero jogo intelectual ~~de~~ maior seriedade. Pelo contrário, insisto que este jogo é a própria função do pensamento e que, traduzindo os filósofos como estamos fazendo agora, estamos tomando ~~os~~ totalmente a sério, muito mais a sério, com efeito, de que uma análise acadêmica o faria. Estamos, neste jogo, tendando pensar de novo aquilo que eles pensaram, e nos termos nos quais pensaram. É o que Heidegger entende por "Nachdenken" (pensar atrás), refletir portanto. A tradução é a reflexão no mais alto sentido desta palavra. E o resultado por ela alcançado é o alargamento explosivo da conversação, portanto é a imortalidade.

A nossa tradução, embora rudimentar e embrionária, desvendou as filosofias traduzidas como sendo fases reflexivas dentro da conversação alemã e inglesa. Essas filosofias são reflexões parciais dessas duas conversações sobre si mesmas. Os intelectos que assim criaram são espelhos da conversação da qual participam. Nesta descrição nada há de depreciativa, porque se trata, em todos êsses intelectos, de espelhos profundos que atravessam muitas camadas da conversação dentro da qual se encontram. Mas em alguns deles, mais especialmente em Nietzsche, o espelho como que perfura a língua para penetrar o nada. Nessa situação extrema se torna-se poeta, e para transformar as suas frases em versos. Sentimos em Nietzsche, e em Schopenhauer em grau menor, essa transição da prosa em verso. E em momentos extremos o verso se transforma em oração, como em certos trechos de Zarathustra, para finalmente, incapaz de suportar o peso do nada, mergulhar nele em forma de loucura.

Entretanto sentimos, simultaneamente, a limitação desnecessária desses intelectos. Pensavam, todos eles, em uma única língua, embora alguns deles tentassem, como que por intuição, superar essa jaula. Nietzsche procurava contacto com o grego, James com o alemão, Schopenhauer talvez com o sanskrít, Heidegger conscientemente com o grego. Mas essas tentativas são embrionárias e falharam. Wittgenstein é o único pensador do qual sei que escrevia simultaneamente em duas línguas, alemão e inglês para libertar-se o mais possível da língua. Isto não surpreende já que Wittgenstein era o pensador mais consciente da língua. Entretanto o que proponho aqui é um superar também do método wittgensteiniano. Proponho que filosofar seja sinónimo de pensar em várias línguas. Não sei se esta proposta é praticável. Somente sei que o ideal seria um pensador que pensasse todas as línguas flexionais simultaneamente. Não criaria, por certo, um iceberg no sentido aqui analisado. Mas criaria um sistema de pontes a ligar os diversos icebergs, uma superestrutura portanto, tal como a humanidade ainda não viu. Essa construção seria a catedral de uma nova era. Ciente de ser uma construção flutuante, seria ela não obstante a expressão de toda uma fase da conversação que somos. Quando imagino essa construção, vejo diante de mim aqueles castelos de gelo que aparecem nas gravuras dos contos de fada. É uma beleza fria e um tanto etérea, alheia à vida portanto. Mas não nos contam as contas de fadas que os castelos de gelo abrigam a donzela a ser conquistada? Mas não quero iludir os senhores. O meu entusiasmo do castelo de gelo independe da donzela e estou disposto a admirá-lo mesmo que se desvende como sendo vazio.